## Places and mobilities: studying human movements using place as an entry point

**SLAPE; WYSS, Anna; ZITTOUN, Tania; PEDERSEN, Oliver; DAHINDEN, Janine; CHARMILLOT, Emmanuel. "Places and mobilities: studying human movements using place as an entry point". *Mobilities*, v. 18, n. 4, 567–581, 2023.**

Guilherme Olímpio Fagundes

Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo (PPGS-USP). Pesquisador associado ao Centro de Inteligência Artificial (C4AI/USP). E-mail: guilherme.olimpio@usp.br

## Contextualização

O artigo é assinado pelo coletivo Slape, sigla para o projeto de pesquisa *Small Localities at the Periphery of Europe*. O intuito é demonstrar o trabalho coletivo de pesquisadores associados ao projeto, vinculado ao National Center of Competence in Research (NCCR): The Migration-Mobility Nexus (Universidade de Neuchâtel, Suíça) e coordenado pela psicóloga social Tania Zittoun e pela antropóloga Janine Dahinden, autoras do artigo. Além delas, são co-autores o psicólogo Oliver Clifford Pedersen, a antropóloga Anna Wyss e o sociólogo Emmanuel Charmillot, também associados ao NCCR.

O artigo "Places and mobilities: studying human movements using place as an entry point" compõe o dossiê homônimo do periódico *Mobilities* (2023), criado inicialmente por John Urry e colaboradores do até então Novo Paradigma das Mobilidades para abrigar pesquisas científicas que contribuam para o avanço da sociologia móvel. Esse dossiê reúne trabalhos empíricos e conceituais que tomam diferentes lugares (*places*) como o seu mirante de observação (ver Ringel, 2023; Anderson, 2023; Lems, 2023; Dahinden, 2023; Ellis, 2023; Cresswell, 2023; Schiller, 2023; Salazar, 2023)

## Lugar: regimes, temporalidades e imaginários

O intuito deste texto orientado à pesquisa é propor interlocuções entre a agenda de investigação do coletivo Slape e seus colaboradores (2023) e o estudo em andamento sobre *como a prática de networking de start-ups de base tecnológicas, situados no programa de aceleração Nexus, varia conforme seu endereço social* (i.é, o produto da soma de suas origens sociais com categorias sociais atribuídas ao longo de sua trajetória)? Essa pergunta se orienta para um tipo específico de empreendedorismo, àquele de base tecnológica, no qual a incerteza sobre o futuro, o tipo de mercado e a prática de *networking* possuem especificidades (Elfring *et al*, 2021; Maia, 2024; Stark, 2009). Fundamentada na sociologia econômica, o teste de hipótese é conferir como as redes pessoais dos empreendedores alteram-se no período inicial de um ano, instante decisivo para as próximas fases da carreira empreendedora e de sua empresa, a fim de evidenciar se haveria diferenças significativas entre as redes e a trajetória social do empreendedor, mediados por tais mecanismos.

O método de Análise de Redes Sociais (ARS) demanda que sejam produzidos dados de natureza relacional, o que se pretende coletar por meio da conjugação de duas técnicas não estruturadas: a entrevista em profundidade e a observação participante. É sobre esta última que abordarei com ajuda do trabalho de Slape e colaboradores (2023).

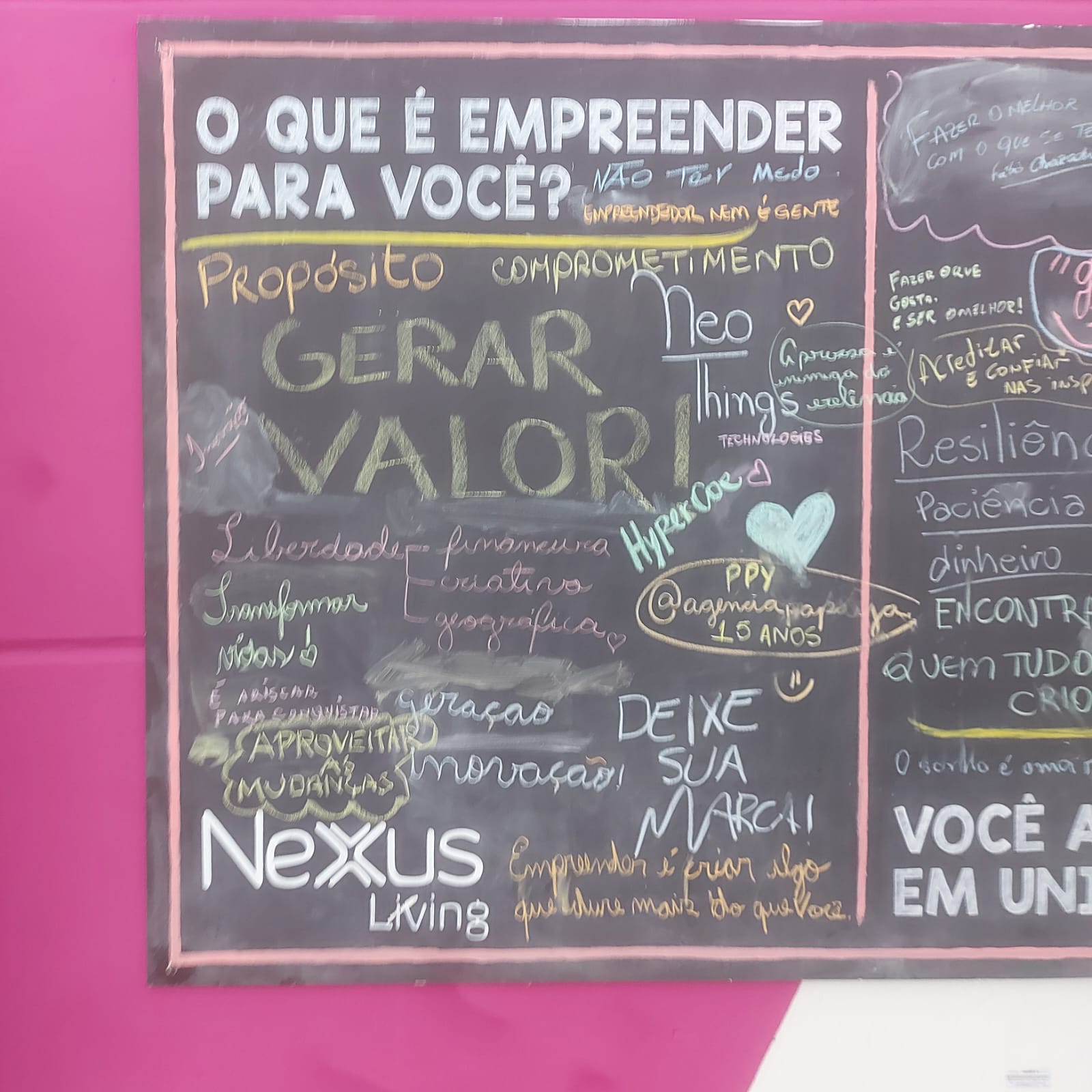
### **2.1 A aceleradora Nexus como lugar**

Slape e seus colaboradores (2023) propõem lugar (*place*) como um importante operador teórico-metodológico em conjunto com as mobilidades. Para mostrar a força heurística do operador, o projeto apresenta um conjunto de estudos empíricos situados na literatura de estudos urbanos e migratórios (ver Ringel, 2023; Anderson, 2023; Lems, 2023; Dahinden, 2023; Ellis, 2023; Cresswell, 2023; Schiller, 2023; Salazar, 2023). Embora alguns estudos de caso tomem direções diferentes (Slape *et al.*, 2023, p. 571), eles criticam o sedentarismo e o nacionalismo metodológico, que, por um lado, naturaliza e reifica o espaço e, por outro, tende a enquadrar o fenômeno do migrante como problema social a nível do estado-nação ao invés de problematizar a própria construção social do migrante (Slape *et al.*, 2023, pp. 569-570).

Esses estudos demonstraram algumas vantagens do uso de lugar para a pesquisa social. Em primeiro lugar, e dialogando com Massey (1995), o lugar se torna menos um espaço material abstrato, e mais uma composição geométrica de poder, onde diferentes escalas, corpos e representações se confundem (Massey, 1995, p. 186). Tal argumento, como aponta Candice Vidal e Souza (2023, p. 225), vai de encontro com o antropólogo Tim Ingold ao vincular o espaço à dimensão da experiência. Assim, lugar se torna uma construção contínua por meio de práticas sociais, e não possuiria essência definida. Ao adicionar o verniz sociológico das mobilidades, Adey (2017) aponta que as mobilidades são movimentos dotados de sentido, que constroem o espaço ao seu redor. Para Salazar (2023), “as mobilidades são sempre *localizadas* (*emplaced*)”.

Se tomarmos o Nexus como lugar, podemos tomar nota que não se trata somente de um espaço para o acesso à infraestrutura de internet de alta velocidade ou de instalações de trabalho em grupo (*coworking*), mas ele é afetado pelas práticas cotidianas de diferentes agentes sociais. De cartões de visita espalhados em pontos estratégicos por mesas de trabalho a frases motivacionais em paredes do Nexus (Figura 1), esses e tantos outros elementos carregam consigo significados que guiam a prática social de empreendedores e, por essa razão, merecem a atenção da pessoa socióloga, pois “discursos localmente situados contribuem [a entender] como lugares são feitos, performados, transformados e apropriados” (Slape *et al*., 2023, p. 569).

**Figura 1**. Lousa de entrada do espaço da aceleradora Nexus



Fonte: Elaboração própria (maio de 2024)

Outro ganho analítico de se pensar em lugar é observar várias populações ao invés de enviesar "o olhar de sociólogo" para um grupo específico. O caráter relacional da ideia de lugar acarreta no exercício de não olhar apenas para o grupo e a relação entre eles, nem apenas do grupo com seu entorno, mas de um conjunto amplo de relações que, de uma forma ou de outra, atravessam aquele lugar (Slape *et al*., 2023, p. 570). No caso de Slape e coautores (2023), isso significa deslocar o olhar dos grupos migrantes para a migrantização enquanto processo social. Neste sentido, a metáfora da rede – que acompanhou John Urry (2013 [2000]; 2012) ao longo de sua trajetória – se espacializa. Isto é, o sociólogo, ao olhar para o lugar, reconstrói a rede de interdependências de seres humanos e não-humanos, materialidades e representações que são postas em conjunto, interagindo ou se relacionando, para realizar certas práticas sociais em dado tempo e espaço (Knowles, 2010; Slape *et al.*, 2023, p. 569). Se o programa de aceleração Nexus é visto como lugar, isso significa entendê-lo como um espaço dotado de sentido onde diferentes entidades sociais são postas em relação para realizar certas práticas sociais – como, no caso da pesquisa em andamento, a prática de *networking*. A sociologia não olharia apenas para aqueles que são rotulados como empreendedores, mas para as relações que são ali constituídas para observar como essas práticas de *networking* são condicionadas por outros agentes sociais, nem sempre vistos de antemão, como infraestruturas, assessores, secretários, dentre outros.

Tais relações nem sempre serão simétricas. Aqui, é possível traçar paralelos entre a noção de lugar e a de ancoradouro (Freire-Medeiros, 2022; Freire-Medeiros, Lages, 2020). Como uma lente analítica, a ideia de ancoradouro é o mirante onde o sociólogo poderia “cartografar atentamente a disposição espacial das embarcações, as co-presenças e as exclusões, buscando identificar as correntezas correspondentes, com suas viabilidades, acessos e riscos” (Freire-Medeiros, 2022, p. 22). Ambos ressaltam, neste sentido, o papel de regimes de mobilidades locais e várias políticas de mobilidade na produção de iniquidades sociais (Slape *et al*., 2023, pp. 570-571; Freire-Medeiros, 2024).

Ademais, o que a sociologia das mobilidades aponta, na sua interface com a sociologia dos mercados e do trabalho, é que o analista social deve se atentar para o que acontece nas dobras do formal–informal e do legal–ilegal (Telles, 2006). Ou seja, a que tipo de relações sociais nessas dobras tais empreendedores recorrem para garantir o “sucesso” de sua *start-up* (Larsen; Urry; Axhausen, 2006)? Como Slape e seus colaboradores (2023) afirmam, a pergunta, do ponto de vista teórico, passa a ser: “como regimes de mobilidades locais contribuem para como diferentes formas de movimentos… se tornam situados em locais particulares e simultaneamente em relações multiescalares entre vários atores com diferentes graus de poder?” (Slape *et al*., 2023, p. 571).

### **2.2 Regimes, temporalidades e imaginações no Nexus**

As linhas de força que orientam a constituição do lugar são resumidas pelos autores do artigo como regimes, temporalidades e imaginações. Vejamos como cada uma delas se articula com o estudo em andamento.

A noção de regime está intimamente relacionada à constelação conceitual foucaultiano, como governamentalidade, que significa o processo de tradução de relações de poder em mecanismos de assujeitamento e subjetivação (Foucault, 2008 [1978], pp. 143-144). Esses mecanismos operam em territórios, cujas fronteiras foram igualadas pela literatura à escala dos estados-nacionais. Contra esse nacionalismo metodológico, os integrantes do projeto de pesquisa Slape e colaboradores propõem à pessoa pesquisadora que ajuste as lentes para prestar atenção a outras escalas de regimes, em especial, de regimes de mobilidades – localmente situados – entendidos como “todos aqueles mecanismos que diferenciam mobilidades em categorias e hierarquias baseadas em múltiplos eixos de diferenciação, que posiciona atores em uma hierarquia particular” (Slape *et al*., 2023, p. 572). Eles podem ser estruturas de poder, enquadramentos legais em várias escalas e jurisdições, discursos políticos e interesses econômicos, formados pelas circunstâncias históricas (Slape *et al*., 2023, p. 573).

O Nexus – e estendemos também para o Parque de Inovação Tecnológico – tem uma importante tarefa de acolher comitivas de “turismo científico” de diferentes localidades, de cidades vizinhas a comitivas transnacionais de *big techs*. Para todo esse movimento acontecer, isso requer recursos financeiros de grupos empresariais locais (interesses econômicos), negociações políticas dos governos estadual e municipal (enquadramentos legais multiescalares e discursos políticos) e uma posição no circuito de consagração de ciência e tecnologia (que envolvem outras estruturas de poder). Na incursão etnográfica em maio de 2024 em um evento de negócios, ciência e tecnologia, o credenciamento já categorizava as instituições às quais aquela pessoa se associa. O *networking* pode variar se uma das partes é de uma instituição estrangeira ou nacional – muitas vezes, favorável ao agente nacional, dada a posição de empresas como Embraer, por exemplo, em todo o circuito transnacional de consagração do setor aeronáutico.

Além disso, se o espaço deixa de ser algo abstrato e unitário com o operador de lugar – pois ele seria relacional e dotado de sentido –, isso implica na coexistência de várias temporalidades, uma dimensão cara aos empreendedores do setor tecnológico e que precisam lidar com inovação (Stark, 2009). As temporalidades permitem desvendar as dinâmicas de sincronização e dessincronização, os ritmos de mobilidades, negociações da experiência de mobilidade, multiescalaridade, dentre outros (Slape *et al.,* 2023, pp. 573-574). Quem é aquele cujo movimento acelerado é capaz de diminuir a velocidade do movimento alheio em mercados de alta tecnologia? Quem precisa parar de se mover para fazer outra pessoa entrar em movimento – traduzindo na pesquisa em andamento por meio dos laços fortes que compõem as redes pessoais de empreendedores enquanto estes podem viajar para eventos de tecnologia?

Por fim, a reflexão cara aos estudos migratórios sobre expectativas e imaginários dão importantes contribuições à sociologia do empreendedorismo a qual este estudo de mestrado em andamento dialoga. A imaginação pode ser entendida como “o processo dinâmico através do qual pessoas e grupos expandem sua experiência situada e presente ao explorar possibilidades passadas, alternativas e futuras” (Slape *et al.*, 2023, p. 574). O empreendedor, assim como a pessoa ‘migrantizada’, imagina futuros que dão pistas sobre as razões e as maneiras como ele se move (Slape *et al*., 2023, p. 574). Esses futuros imaginados emergem do lugar onde esses agentes sociais se situam, como é o caso do Nexus. Na pesquisa empírica, isso se traduz em desvendar quem são “os grupos de referência” (Merton, 1968) dessas pessoas e como elas se vêem no futuro próximo.

## Referências complementares

ADEY, Peter. Mobility. 2 ed. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2017.

ANDERSON, Bridget. Integration: a tale of two communities. Mobilities, v. 18, n. 4, 606 619, 2023.

CRESSWELL, Tim. The rhythm of place and the place of rhythm: arguments of idiorhythmy. Mobilities, v. 18, n. 4, 666-676, 2023.

DAHINDEN, Janine et al. Placing regimes of mobilities beyond state-centred perspectives and international mobility: the case of marketplaces. Mobilities, v. 18, n. 4, 635–650, 2023.

ELFRING, Tom et al. Entrepreneurship as Networking: Mechanisms, Dynamics, Practices, and Strategies. Nova Iorque: Oxford University Press, 2021.

ELLIS, Basia. Fostering existential well-being: mobility, dwelling, and Undocumented Student Resource Centers in California. Mobilities, v. 18, n. 4, 651-665, 2023.

FOUCAULT, Michel. Segurança, território, população. São Paulo, Martins Fontes, 2008.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. “A aventura de uns é a miséria de outros”: mobilidades socioespaciais e pobreza turística. São Paulo, Tese de livre-docência em Sociologia das Mobilidades, Universidade de São Paulo, 2022.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. A metrópole do capital de rede: mobilidades socioespaciais e iniquidades urbanas. Cadernos Metrópole, v. 26 n. 60, 2024.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca; LAGES, Mauricio. A virada das mobilidades: fluxos, fixos e fricções. Revista Crítica de Ciências Sociais, v. 123, 2020.

KNOWLES, Caroline. Mobile sociology. British Journal of Sociology, v. 61, n. s1, 2010.

LARSEN, Jonas; URRY, John; AXHAUSEN, Kay. Geographies of Social Networks: Meetings, Travel and Communications. Mobilities, v. 1, n. 2, 261-283, 2006.

LEMS, Annika. Anti-mobile placemaking in a mobile world: rethinking the entanglements of place: im/imbolity and belonging. Mobilities, v. 18, n. 4, 620–634, 2023.MAIA, Marcel. Jovem firma procura investidor: Como as Aceleradoras Promovem Encontros e Moldam Startups. São Paulo, Tese de doutorado em Sociologia, Universidade de São Paulo, 2024;

MASSEY, Doreen. Spatial Divisions of Labour: Social Structures and the Geography of Production. Londres: Red Globe Press, 1995.

MERTON, Robert K. Sociologia: Teoria e Estrutura. São Paulo: Mestre Jou, 1970

RINGER, Felix. Beyond outmigration: Im/mobilities and futures in peripheral postindustrial cities. Mobilities, v. 18, n. 4, 593–605, 2023.

SALAZAR, Noel. Mobile places and emplaced mobilities: problematizing the place- mobility nexus. Mobilities, v. 18, n. 4, 582–592, 2023.

SCHILLER, Nina. Connecting place and placing power: a multiscalar approach to mobilities, migrant services and the migration industry. Mobilities, v. 18, n. 4, 677-690, 2023.

STARK, David. The sense of dissonance: Accounts of worth in economic life. Princeton: Princeton University Press, 2009.

TELLES, Vera. Trajetórias urbanas: fios de uma descrição da cidade. In: TELLES, Vera; CABANES, Robert (orgs.). Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios. São Paulo: Editora Humanitas, 2006.

URRY, John. Social networks, mobile lives and social inequalities. Journal of Transport Geography, v. 21, n. C, 2012.

URRY, John. Sociologia móvel. In: LIMA, Jacob (org.). Outras sociologias do trabalho: Flexibilidade, emoções e mobilidades. São Carlos: EdUFSCAR, 2013 [2000].

VIDAL E SOUZA, Candice. Mobilidade e cidade: epistemologia e pesquisa. Tempo Social, São Paulo, v. 35, n. 1, 2023.